

EYRE E KURONUMA: UM OLHAR INSÓLITO EM *JANE EYRE*, DE CHARLOTTE BRONTË E *KIMI NI TODOKE*, DE KAHURO SHIINA

Samara Souza da Silva (UNIFESSPA-CAPES)¹

Nós somos e devemos ser, uma e todas neste mundo, pessoas carregadas de defeitos. (Charlotte Brontë)

Resumo: Este artigo tem como objetivo a discussão sobre extraordinário e sublime das personagens principais do romance *Jane Eyre*, de Charlotte Brontë e do mangá *Kimi ni todoke*, de Kahuro Shiina. Fundamentamos nossa pesquisa nas concepções de sublime desenvolvidas por Sá (2011) e nas concepções de extraordinário discutidas por Heiland (2004), especialmente no que se referem às conceituações de experiência sublime. Concernente às considerações acerca do horror e monstruosidades, pautamo-nos em Jeha (2007). Percebemos nas obras analisadas, que as personagens principais são tidas como criadoras de feitiços e possuidoras de grande poder maléfico.

Palavras-chave: Extraordinário; Sublime; Mangá; Literatura Vitoriana.

Resumo: This work has the objective to argue about uncanny and sublime of the main characters of the novel *Jane Eyre*, by Charlotte Brontë and of the mangá *Kimi ni todoke*, by Kahuro Shiina. We based our research on conceptions about sublime developed by Sá (2011) and on conceptions about uncanny discussed by Heiland (2004), especially in the terms of the conceptualizations of sublime experience. Concerning the considerations of horror and monstrivities, we used the Jeha's ideas (2007). We realized on the analyzed work, that the main characters are considered creators of spells and possessors of great evil power.

Keywords: Uncanny; Sublime; Mangá; Victorian Literature.

Introdução

Os estudos góticos têm propiciado estudos literários de obras canônicas e não canônicas que discutem questões do sublime, gênero, extraordinário entre outras demandas da contemporaneidade. Valendo-se dessas questões, optamos neste artigo

¹ Graduada em Letras-Inglês (UFPA). Mestranda do Programa de Pós-graduação em Letras (UNIFESSPA), sob a orientação do Dr. Luís Antônio Contatori Romano, professor Associado da Universidade federal do Sul e Sudeste do Pará.

pela análise da personagem Jane do romance escrito pela inglesa Charlotte Brontë, *Jane Eyre* (2014), publicado originalmente em 1847, e da personagem Sawako do mangá *Kimi ni todoke* (2011) publicado pela mangaká japonesa Kahuro Shiina.

Nas narrativas de Brontë e Kahuro, em meio às dificuldades de interação com a sociedade onde a comunicação é uma das principais formas de envolvimento humano, as personagens lidam com a dificuldade de interagir na comunidade em que vivem. Assim, as obras que iremos focar são atravessadas por temas extraordinários, em que as personagens principais são tidas como sombrias e possuidoras de grande poder maléfico, e o espaço social no qual elas vivem as fazem acreditar que suas perversidades afetam a todos que estão ao redor, e que tais situações acontecem com anuência por parte das personagens.

Nesta perspectiva, o interesse em comparar as narrativas de Brontë e Kahuro surgiu a partir do questionamento sobre as relações de aproximação e divergência entre as personagens femininas descritas nas obras em foco, ou seja, entender os aspectos extraordinários em cada contexto (Inglaterra do século XIX e Japão do século XXI) e como se deu o processo de criação do sublime nas personagens em estudo.

Romance versus Mangá: perversidade feminina em *Jane eyre* e *Kimi ni todoke*

O desvendamento de significados alternativos, interdisciplinares e pontos referenciais diferentes, como esta análise propõe, serão investigados partindo da literatura comparada, pois assim como Schmidt (2010) demonstra, na apresentação do livro *Sob o signo do presente; intervenções comparatistas*, os estudos em literatura comparada “se caracteriza por uma flexibilidade estratégica, tanto na perspectiva metodológica quanto na perspectiva de seus objetos”. A partir desta reflexão, consideramos uma abordagem teórica ampla, que nos dá suporte ao contrapor duas obras literárias contextualizadas em espaços geográficos contrários, porém, passíveis de diálogo.

Definir o que é gótico nos parece simples, podemos deduzir que as literaturas góticas são: histórias que nos causam medo, histórias de terror ou que passam em lugares sombrios. Todas essas suposições, que fazem parte do conhecimento popular, são

necessariamente coerentes, e destacamos o pensamento das literaturas ocidentais, neste momento podemos então considerar duas hipóteses: que a literatura gótica ultrapassa por toda literatura ocidental de todas as épocas. E em segundo plano que o terror, o medo, a escuridão que estão presentes nas narrativas góticas é um efeito causado em nós leitores, que somos instigados por elementos narrativos para nos prender ao texto, no mesmo momento em que o texto nos causa aversão, porém por estes efeitos das narrativas não conseguimos interromper a leitura. A partir daqui, passamos a examinar o conceito de romance gótico em busca de melhor entender sua ascensão na contemporaneidade, Sá propõe que:

O romance gótico representa uma mescla de tradições distintas, uma mistura entre o mitológico e o mimético, entre a imaginação e realidade. A proposta subjacente seria o retorno a uma época de sonhos, contra o materialismo burguês e, até certo ponto, de encontro às características gerais do Iluminismo. (SERRAVALLE DE SÀ, 2010, p.35).

Todas as características mencionadas nesse gênero textual visavam expressar na literatura os princípios subjetivos que dominavam o imaginário da época. Contudo, a escrita romântica gótica surgiu também e principalmente em oposição ao realismo e materialismo criados nos romances do período iluminista. Podemos inferir que o romance gótico se configura como uma narrativa a qual traz uma atmosfera misteriosa onde predomina o terror.

O abarcamento dos conceitos literatura comparada, gótico e romance gótico, abrem espaço para discussão de outro tema, que é sobre o sublime. Caracterizar o sublime também é proposto por Sá em seu livro *Gótico tropical: o sublime e o demoníaco em O guarani*:

Sublime é o efeito condutor do gótico, o qual se manifesta em momentos de irracionalismo e tensão, figurando a antecipação de agouros, lutas e conflitos em geral. Intercalar momentos de relaxamento e tensão narrativa contribui para tornar a leitura mais estimulante, pois prende a atenção do leitor ao criar suspense que mantém as expectativas altas até o final. (SERRAVALLE DE SÀ, 2010, p.23).

Para melhor compreender os mecanismos de funcionamento do gótico, especialmente no desenvolvimento deste trabalho, que é principalmente direcionada aos termos sublime e extraordinário, torna-se relevante entendermos que o sublime tem fundamental importância dentro do gótico, ele que vai envolver os personagens em

momentos irrealis, de absoluto estímulo para os desfechos narrativos. Além do sublime, neste momento é necessário entender o extraordinário em que Heiland propõe as ideias de Freud e Bloom:

O ensaio de Freud “O extraordinário” abre com uma definição bastante simples de experiência extraordinária como “sem dúvida, relacionada com o que é assustador - o que desperta temor e horror” (1955 [1919]: 219). Enquanto Harold Bloom (1982) e outros têm argumentado vigorosamente esse conceito do extraordinário de Freud é essencialmente uma versão de experiência sublime, é importante notar que o próprio Freud distingue entre eles. (HEILAND, 2004, p.77)²

Heiland observa que o extraordinário se destaca como uma versão ao sublime. Não esqueçamos que a palavra “extraordinária” em inglês “uncanny”, tem outra tradução que poderia ser “espantoso”, sendo assim, podemos compreender que “extraordinário” carrega em sua definição algo fora do comum, admirável, ou inesperável. Termos estes que fogem das regras ditadas desde os primórdios da sociedade.

Em algumas passagens das obras, podemos inferir que as personagens, tem um convívio conturbado e de certa maneira inviável, pois elas eram vista como algo incomum, e de aparência abominável. Julio Jeha propõe que:

[...] monstros corporificam tudo que é perigoso e horrível na experiência humana. Eles nos ajudam a entender e organizar o caos da natureza e o nosso próprio. Nas mais antigas e diversas mitologias, o monstro aparece como símbolo da relação de estranheza entre nós e o mundo que nos cerca. (JEHA, 2007, p. 7),

Todavia, destacamos que tal argumento não está sendo usado como ferramenta de discussão a favor do processo de exclusão social, mas para destacar os problemas sociais defrontados pelas personagens.

– Em nome de todos os elfos da cristandade, é a senhorita Jane Eyre?
– perguntou ele. – O que fez comigo, sua bruxa, feiticeira? Quem é que está aqui no quarto além da senhorita? Queria me afogar?

² Citação original: Freud’s essay “The Uncanny” opens with a fairly simple definition of uncanny experience as “undoubtedly related to what is frightening – to what arouses dread and horror” (1955[1919]: 219). While Harold Bloom (1982) and others have argued forcefully that Freud’s concept of the uncanny is essentially a version of sublime experience, it is important to note that Freud himself distinguishes between them. (HEILAND, 2004, p.77)

– Irei trazer uma vela, senhor, e, em nome dos céus, levante-se. Alguém tramou alguma coisa. O senhor logo poderá descobrir também o que foi e quem foi. (BRONTË, 2014, p. 267).

O que perpassa nas narrativas é a maneira como as personagens são questionadas sobre seus poderes sobrenaturais não existentes, deixando de lado a verdade por trás de uma imagem criada pelo outro. As protagonistas Jane e Sawako tinham em suas mentes a ideia de inferioridade, pois eram tratadas como objetos de assombração e ferramentas para criação de feitiços. De modo que representam figuras femininas silenciadas que sofrem violência psicológica em uma sociedade ditadora de regras que vislumbra a figura feminina de características perfeitas (tais como, tons de pele; cabelos impecáveis; corpo com formas definidas, entre outras.). Sawako por exemplo, seu nome é trocado por Sadako fazendo referencia ao filme de terror *O chamado*(original japonês), onde a figura sombria feminina tem as características físicas de nossa protagonista em questão. A imagem abaixo retrata a primeira impressão que os colegas de escola têm de Sawako. Na sequência temos um trecho de Jane Eyre, no qual a visão de um personagem é que Jane está esperando por algo sobrenatural:



(KAHURO, 2011, p. 7 e 8)

– Foi o que imaginei. E assim estava sentada lá naquele degrau esperando por amigos?
– Por quem, senhor?
– Os homenzinhos verdes. A noite de luar estava propícia para esse encontro. Será que o interrompi e por isso espalhou aquele maldito gelo sobre o calçamento?
Eu sacudi a cabeça.
– Homenzinhos verdes abandonaram a Inglaterra há cem anos – disse eu, falando com mesma seriedade que ele. – E nem mesmo na estrada de Hay ou nos campos ao longo dela seria possível o senhor encontrar algum vestígio deles. Não creio que a Lua, do verão ou da colheita, ou do inverno, venha a brilhar outra vez sobre as festas que faziam. (BRONTË, 2014, p. 222).

Para Jeha (2007, p.7) as “deformidades externas revelam transgressão, pois o indivíduo personifica uma traição da natureza”, nesse momento evidenciamos como o estético está interligado com a criação da imagem feminina, ainda neste ponto se abre um espaço para a discussão sobre como enxergamos o belo, ou quais são as premissas para criação do mesmo. Avaliamos, que os lapsos e consequências do que ocorre nas narrativas, ou fora delas devem ser discutidas para não serem esquecidas, ou até mesmo repetidas. No trecho abaixo, Jane demonstra como se preocupa com a aparência perante a sociedade:

[...] Não tinha o hábito de me descuidar ou me tornar desleixada com a aparência. Ao contrário, sempre quis causar a melhor impressão possível e agradar, e sentia necessidade de me fazer bonita. Às vezes, lamentava por não ser bonita por natureza, e desejava ter as maçãs dos rosto rosadas, nariz afilado, e boca vermelha e pequena. Queria ser alta, imponente, com um corpo esguio e harmonioso. Achava uma infelicidade ser tão baixa, pálida e ter traços tão irregulares e tão marcantes. E por que tinha e tais aspirações e desgostos? Não conseguiria dizer o motivo, com clareza, nem para mim mesma, mas tinha lá meus motivos e minhas razões. [...]. (BRONTË, 2014, p. 180).

As narrativas são sinalizadas por um feminino inferiormente marcado, desta forma, buscando disseminar a reflexão sobre o preconceito da figura perversa feminina. Avaliamos que os discursos que produzem o processo de construção de gótico e gênero nas narrativas são escritos a partir de pontos referenciais (sublime e extraordinário), e contextuais distintas, que, apesar de distintas, não são divergentes. No sentido de que a violência psicológica, o sublime, o extraordinário, o gênero estão presentes nas obras, de tal forma, que as protagonistas submetem-se a premissa de impotência a sua condição social.

Considerações finais

Embora a crítica literária contemporânea tenha mostrado avanço nos estudos do gótico e gênero, percebemos que ainda tem se um grande caminho a ser percorrido dentro desta área, principalmente no que tange sublime, extraordinário e gênero. Este estudo usou as obras *Jane Eyre* (2014), de Charlotte Brontë e *Kimi ni todoke* (2011), de Karuho Shiina para ilustrar as manifestações de sublime, e da figura sombria feminina na Inglaterra do século XIX e no Japão do século XXI. A partir de referenciais teóricos e conceitos temáticos, nós observamos pontos-chaves para entender alguns aspectos da perversidade feminina. De fato, estas obras, são referentes a períodos distintos, porém as imagens literárias criadas pelas autoras têm o potencial de fazer essas questões entrarem em jogo e entrelaçarem-se nas discussões propostas. A investigação da imagem da figura perversa feminina em obras literárias requer uma pesquisa de cunho temático, e de teóricos que discutem as questões de sublime e gênero. A proposta de leitura deste artigo está sujeita a críticas e pode passar por algumas mudanças. Entretanto, esta leitura abre espaço de opções para futuras pesquisas, seguindo outros caminhos, ou similares, usando o que parecer mais necessário.

Referências bibliográficas

BRONTË, Charlotte. *Jane Eyre*. São Paulo: Martin Claret, 2014.

HEILAND, Donna. *Gothic and Gender: an introduction*. USA: Blackwell Publishing, 2004.

JEHA, Julio. *Monstros e monstruosidade na literatura*. Belo Horizonte: ED. UFMG, 2007.

KAHURO, Shiina. *Kimi ni todoke v. I*. Barueri: Panini Comics, 2011.

SERRAVALLE DE SÁ, Daniel. *Gótico tropical: o sublime e o demoníaco em O guarani*. Salvador: EDUFBA, 2010.

SCHMIDT, Rita. Terezinha. (org.) *Sob o signo do presente; intervenções comparatistas*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2010.